

As saídas para a crise do setor em Brasília

Em 1961 Brasília contava com 60 mil trabalhadores da construção civil que vinham dos mais variados pontos do País, para construir o que seria a nova capital da república. Hoje, 21 anos depois, o saldo é de 25 mil desempregados na categoria e um dos maiores índices de desempregos do País.

Para os empresários do setor imobiliário, o responsável pela crise não é o esgotamento das fontes de trabalho, porque o Distrito Federal ainda se expandirá, criando novos núcleos de empregos, mas não nas proporções dos anos anteriores. Eles entendem que a construção civil sempre viveu de obras governamentais, já praticamente esgotadas.

O presidente do Sindicato da Construção Civil, José Sêrvio Dias, entende, no en-

tanto, que o Governo deveria obrigar as entidades que possuem áreas desocupadas a venderem parte delas, pois representaria opção de trabalho. Ele defende o incentivo à iniciativa privada a fim de obter mercados para absorver a mão-de-obra ociosa, com o remanejamento do capital para outros investimentos.

Outra reivindicação do líder trabalhista é no sentido de o Governo promover a construção de centrais de tratamento de esgotos nas cidades-satélite, principalmente em Taguatinga, para proporcionar a expansão de prédios, o que segundo ele já criaria alternativas de mercado de trabalho. Ele, entretanto, não admite a idéia de que o Distrito Federal não terá capacidade de absorver todo o contingente de desempregados.

Setores do Sindicato

acreditam, porém, que o problema só se resolveria com grandes construções dos órgãos do governo, o que daria emprego a dois mil trabalhadores. Fora disso, não há mais como empregar a grande massa que se acumula na capital e a cada dia cresce mais, com a chegada de novos trabalhadores.

Esses setores também acreditam na política do governo do DF em dar condições ao operário no sentido de retornar a sua terra, através do controle de migrações, uma vez que a capital da República não oferece mais meios de agasalhar todo o potencial de mão-de-obra.

Ao contrário de empresários do setor imobiliário, José Sêrvio acredita que a decisão do Governo em abrir financiamentos para casa própria vai criar um

bom campo de trabalho, porque surgirão novas construções.

Ele defende também o aumento de gabaritos para o Plano Piloto, embora admita que as áreas livres são poucas e não resolvem o desemprego da construção civil no Distrito Federal. O presidente do sindicato acredita que futuramente sejam derrubadas as construções baixas das quadras 700 e 900, da Asa Norte, para a edificação de prédios maiores.

Segundo José Sêrvio, existem hoje aproximadamente 10 mil operários trabalhando em construções particulares, fora das funções estratificadas pela sua categoria. Em sua opinião, Brasília deve assumir a responsabilidade de Capital Federal, mas também a de abrigar todos os que trabalham na cidade.